

MÃE SEM FRONTEIRAS

Tauani Zampieri Cardoso

Um ano após me matricular no doutorado, nasceu meu filho. Tornar-me mãe parecia inviabilizar o desejo de vivenciar uma experiência acadêmica fora do país, ainda mais com a impossibilidade de algum familiar ou amigo me acompanhar. No entanto, eu continuava concorrendo aos editais que surgiam em busca de oportunidades para concretizar esse desejo.

Assim, fui contemplada com a bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior. Os fatos que possibilitaram minha contemplação foram o apoio da minha orientadora no Brasil, a confiança depositada pelo Programa de Pós-Graduação ao me indicar como candidata, a concordância da orientadora no exterior em me receber e orientar mesmo ciente de que meu filho estaria comigo em Portugal e, sobretudo, o incentivo e suporte de meu marido para que tudo se concretizasse.

Chegamos a Portugal com um lugar preestabelecido para morar, um apartamento compartilhado, a princípio, com outros doutorandos brasileiros contemplados no mesmo edital.

Foi de imediato que me encantei com a Freguesia. Em frente ao prédio, havia um parque com *playground* para as crianças, onde se preocuparam em colocar um piso de borracha que amenizaria o impacto caso as crianças caíssem. Também havia árvores, um lago com peixes e tartarugas e equipamentos

para atividades físicas. As pessoas realmente frequentavam os espaços públicos e cuidavam deles e de suas crianças como “bens” comuns.

Durante nossa estadia, meu filho teve, bem em frente à nossa casa, um lugar bonito e seguro para brincar, se distrair, ter contato com a natureza e conhecer outras pessoas e crianças.

Nessa experiência, o que mais me marcou foi a sensação de segurança. Podia usar livremente o telefone celular nas ruas, voltar de noite para a casa andando e empurrando um carrinho de criança. Em nenhum momento me senti na iminência de ser abordada ou assaltada. Essa sensação traduz parte do que penso ser qualidade de vida, promoção de saúde.

Andamos de trem, metro, ônibus, elétrico, barco, teleférico. Quase todas as estações possuíam elevadores ou rampas de acesso, as paradas de ônibus também eram acessíveis. A organização do sistema de transportes denota respeito aos usuários. Era possível utilizarmos os meios de transporte e nos deslocarmos pelas ruas com o carrinho de bebê. É factível.

A segurança, o sistema de transportes e a acessibilidade permitiram que, mesmo eu estando sozinha com meu filho pequeno, nós tivéssemos mobilidade e pudéssemos conhecer diversos lugares.

Por falar em segurança, outro aspecto muito importante era a estrutura dos serviços de saúde de Lisboa. Saber que, se precisássemos, haveria os recursos necessários para uma assistência resolutiva e de qualidade era tranquilizador. E, de fato, quando precisamos, fomos muito bem atendidos em um serviço público de saúde.

Lisboa envolve universos bastante distintos, é cheia de arte, poesia, etnias, culturas e línguas. Fizemos amigos portugueses, brasileiros de toda parte do país, africanos, peruanos, cubanos e, entre tantas diferenças, havia sempre lugar para gentilezas, especialmente quando se tratava de alguém com criança(s).

O que deixou saudades e ganhou nosso eterno carinho e gratidão foi a escola que meu filho frequentou pela primeira vez. Logo no início, eles demonstraram disposição em adequar, desde os documentos exigidos para a matrícula, até a comida que seria oferecida ao meu filho, compreendendo nossas particularidades e necessidades.

Sem dúvida, a realização das minhas atividades acadêmicas só foi possível com o suporte dado pela escola, especialmente por uma das proprietárias. Ela demonstrou que, para eles, a escola, como parte e formadora da sociedade, atua como responsável pela proteção das crianças, independentemente da esfera em que seja necessário proporcionar essa proteção, e que ela também é um lugar onde se promove equidade, cidadania, amor e respeito.

Em Portugal, também percebi que, normalmente, os preços que os portugueses cobram pelos produtos e serviços são os mais justos possíveis.

No âmbito acadêmico, a sistemática adotada pela orientadora no exterior para o desenvolvimento das atividades também contribuiu sobremaneira para que eu pudesse estar com meu filho.

Todos esses fatores, somados, possibilitaram que meu desejo se concretizasse e que nossa experiência fosse muito bem-sucedida. Houve contratempos, saudades, foi trabalhoso, mas quando percebi que era possível fazer o doutorado sanduíche em um país desenvolvido, levando um filho pequeno, queria ficar mais.

Entre todas as experiências, destaco como parte das atividades propostas no plano de estudos as visitas que realizei a um Centro de Saúde de Cuidados Primários. Tanto os gestores, como os profissionais de saúde, foram muito receptivos e prestativos diante da minha solicitação de conhecer serviços de saúde em Lisboa. Essa oportunidade ampliou meu conhecimento e enriqueceu meu aprendizado materializando parte do que eu já havia estudado.

Nesse serviço, o trabalho era desenvolvido com comprometimento, planejamento, práticas baseadas em evidências e preocupação com a opinião e satisfação dos usuários. Sua estrutura era apreciável, e a profissional que pude acompanhar mais de perto, uma enfermeira obstetra, admirável. Sua trajetória me mostrou a importância e os resultados do envolvimento do trabalhador da saúde na busca por uma sociedade mais justa e pela concretização de direitos, especialmente, das mulheres.

O doutorado sanduíche em Portugal, desde a “primeira vista”, me encheu de aspirações e, ao mesmo tempo, de um dissabor, uma frustração.

Vi que uma sociedade mais justa, com menos desigualdades sociais, é possível mediante a instituição de políticas sociais que busquem tais

condições; no entanto, no Brasil, ainda temos muito pela frente para conseguirmos superar os persistentes obstáculos de diversas naturezas que nos acompanham ao longo dos séculos.

Fica a esperança de que um dia possamos alcançá-los.